Revista de Cultura da UFPE

Entrevista

Texto de autores convidados. Recebido em: 3 abr. 2021. Aprovado em: 30 maio 2021.

COSTA LIMA, Luiz. Entrevista. [Entrevista concedida a] Dimas Brasileiro Veras.
Estudos Universitários: revista de cultura, UFPE/Proexc, Recife, v. 38, n. 1, p. 221-240,
jan./jun., 2021.

DOI: 10.51359/2675-7354.2021.251436

ISSN Edição Digital: 2675-7354

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

Luiz Costa Lima, por Dimas Brasileiro Veras

Luiz Costa Lima, by Dimas Brasileiro Veras

Luiz Costa Lima

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Doutor em Letras

E-mail: l18danil@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2943-1296>

Dimas Brasileiro Veras

Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Doutor em História

E-mail: dimasveras@recife.ifpe.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-4684-305X>

Resumo

Luiz Costa Lima, doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), professor emérito da Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro (PUC-RJ), detentor do prêmio de pesquisador estrangeiro da Alexander von Humboldt-Stiftung, neste número, concede entrevista a Dimas Brasileiro Veras, doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pesquisador da Cátedra Paulo Freire e professor do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE). Luiz Costa Lima fala sobre sua trajetória na Universidade do Recife, sua atuação na revista Estudos Universitários e no Serviço de Extensão Cultural (SEC), discorre também sobre sua relação com Paulo Freire, e sobre sua percepção cultural e política ao longo de sua carreira. **Palavras-chave:** Luiz Costa Lima. Paulo Freire. Entrevista. Cultura. Política.

Abstract

Luiz Costa Lima, PhD in Language and Literature from Universidade de São Paulo (USP), professor emeritus at Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Alexander von Humboldt-Stiftung foreign researcher laureate, in this paper, gives an interview to Dimas Brasileiro Veras, PhD in History from Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), researcher at the Cátedra Paulo Freire and professor at Instituto Federal de Pernambuco (IFPE). Luiz Costa Lima talks about his trajectory at Universidade do Recife, his work in the journal *Estudos Universitários* and in the Serviço de Extensão Cultural (SEC). He also talks about his relationship with Paulo Freire, and his cultural and political perception throughout his career.

Keywords: Luiz Costa Lima. Paulo Freire. Interview. Culture. Politics.

Luiz Costa Lima. Foto: Leonardo Aversa/Arquivo O Globo.

Fonte: <http://assessoria.vrc.puc-rio.br/>

Apresentação

O professor Luiz Costa Lima é um dos mais importantes expoentes da crítica e da teoria literária no Brasil. Nasceu em São Luiz do Maranhão, em 1937, passando a viver no Recife durante sua juventude. Na capital pernambucana, experimentou a socialização tão importante para formação dos seus modos de ver, julgar e reagir aos desafios da vida. A graduação como Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas na Faculdade de Direito do Recife (FDR), em 1959, destaca-se como um passo relevante do desenvolvimento intelectual e político do crítico. Dois anos mais tarde, ajudou a criar e secretariar a *Estudos Universitários*: revista de cultura da Universidade do Recife, enquanto membro da “equipe Paulo Freire”, do Serviço de Extensão Cultural (SEC). Além do periódico, que publicou os primeiros estudos da pedagogia freireana, o crítico participou, na época, das demais atividades daquele órgão idealizado pelo educador pernambucano, a exemplo dos trabalhos pedagógicos que culminaram no Programa Nacional de Alfabetização em 1964, nas vésperas do Golpe de 31 de março.

Luiz Costa Lima mudou-se para o Rio de Janeiro, tornando-se professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) ainda em 1965, após o expurgo político por força do Ato Institucional nº 1, que o excluiu sumariamente de suas atividades na então Universidade do Recife, hoje UFPE. Ao longo de sua trajetória intelectual, destacam-se seus trabalhos sobre a mimesis, o controle do imaginário e o estatuto do ficcional, com pesquisas nas áreas de Teoria da Literatura, História e Crítica Literária, Literatura Brasileira, Teoria e Filosofia da História e História dos Discursos. Esses estudos resultaram na publicação de mais de 20 livros de rele-

vância internacional, dentre eles: *Mimesis: desafio ao pensamento* (2000); *História. Ficção. Literatura* (2006); *Trilogia do controle* (2007); *O insistente inacabado* (2018) e outras publicações com traduções para o inglês e o alemão. Ademais, seu trabalho rendeu-lhe láureas, como o prêmio de pesquisador estrangeiro do ano Alexander Von Humboldt-Stiftung (Alemanha), em 1992, bem como os prêmios de ensaio da Biblioteca Nacional e da Academia Brasileira de Letras pelo livro *O controle do imaginário e a afirmação do romance* (2009). Luiz Costa Lima foi professor da Universidade de Minnesota e professor visitante nas universidades: Stanford, Johns Hopkins, Montréal, Paris VIII, Pontifícia do Chile (Santiago), e Iberoamericana (Cidade do México). Atualmente é professor emérito da PUC-RJ, na qual segue desenvolvendo notável vida docente e científica. Sua trajetória, assim como a do mestre Paulo Freire, nos tem ensinado a importância e a possibilidade da prática teórica no Brasil e no mundo pós-colonial.

Você poderia falar sobre sua formação estudantil em instituições educacionais pernambucanas e, precisamente, sobre sua passagem por Madri nos tempos do Franquismo? E qual a importância desse ambiente intelectual libertador e autoritário dos anos 1950 e 1960, chamado por Paulo Freire de “tempo fundante”?

Formei-me na Faculdade de Direito, da então Universidade do Recife. Tive interrompido o curso de filosofia porque era proibido (!) participar de dois cursos na mesma universidade. Frequentei cursos monográficos de antropologia, no Instituto Joaquim Nabuco – só lembro que eram dados em inglês e que me foram muito úteis. É curioso que, desde cedo, queria estu-

dar literatura, mas os cursos de Letras não me atraíam. Na verdade, foram a biblioteca de Paulo e sua guia que me orientaram, assim como ter sabido que precisava ser capaz de ler, ao menos também, em inglês e em francês. Como, então, era muito difícil conseguir uma bolsa, embora estivesse encaminhado para estudar nos Estados Unidos, sabendo inclusive que Northrop Frye deveria ser meu professor, terminei extemporaneamente indo, em fins de 1960, para Madri, quando sequer falava o castelhano. Ter-me deparado com a vida sob o Franquismo, com sua explícita ditadura, foi, para mim, a experiência política decisiva para assumir uma posição que genericamente chamamos de esquerda. Por isso, logo ao voltar, me engajei, em 1962, nas atividades promovidas pelo reitor João Alfredo da Costa Lima (que, apesar do nome, não era meu parente), sob a direção de Paulo Freire.

Nesse período, você estabeleceu amizade e interações importantes para o trabalho como secretário executivo da Estudos Universitários e para sua vida intelectual. Como essas redes de sociabilidades letradas ajudam a compreender a efervescência cultural e política daqueles anos que culminaram na criação do SEC, sob a liderança do educador Paulo Freire? Em que sentido isso nos ajuda a compreender o papel do intelectual ontem e hoje, no Brasil e no mundo?

João Alfredo criou o Serviço de Extensão Cultural (SEC), formado pelo setor de alfabetização, dirigido por Paulo; a *Rádio Universitária*, dirigida pelo não menos grande amigo

José Laurênio de Melo; e a revista *Estudos Universitários*, da qual eu era o secretário. Por certo, o SEC, situado nos fundos da reitoria, tornou-se um centro de efervescência intelectual. Nele, encontrava com frequência José Laurênio, Sebastião Uchoa Leite, Márcio Cortez, Gastão de Holanda e tantos outros cujos nomes agora me escapam. Como nunca pertenci a um partido político, estou certo que esse foi o ninho em que se enraizou meu contato com o mundo intelectual – lembro-me especificamente do contato com o grupo dos poetas concretos de São Paulo, de que a revista *Estudos Universitários* publicou a síntese da pesquisa de Augusto e Haroldo de Campos sobre o poeta Sousândrade. É importante acentuar que, sendo também política, essa efervescência ainda compreendia a revisão valorativa da cultura brasileira. Daí a importância da recuperação de Sousândrade, por mim então continuada. Nesse sentido, o que fazíamos contrariava o tipo de incentivo cultural, promovido desde o Rio, pela UNE, no Recife, aclimatado pela prefeitura da cidade, com seu teatro político, politicamente orientado. Lembro-me de um episódio típico. Encenava-se em um morro uma peça sobre uma profissão modesta, digamos que fosse sobre um pedreiro. Como se estimulavam as discussões com a plateia, levantou-se dela alguém e disse algo semelhante a: “Disso eu sei. Quero saber de outras coisas!”.

Isso nos ajuda a compreender o papel do intelectual ontem e hoje? Eticamente, por certo. Mas destacar seu papel ético também significa reconhecer sua pouca relevância na vida política. Tenha-se o exemplo de agora: há poucos dias, difun-

diu-se um manifesto com mais de 500 assinaturas, com nomes de economistas, empresários etc. Suponhamos que entre eles estivessem também intelectuais. Que efeito isso teve? O governo continuou com suas iniciativas bárbaras e a ter seus apoiadores. Do mesmo modo, apesar do que significava o projeto de alfabetização em massa proposto por Paulo, o Golpe de 64 teve um efeito contrário instantâneo, porque simplesmente o governo de Jango não tinha um sistema de defesa militar.

Em entrevistas com antigos membros do SEC, muitos deles citaram a biblioteca de Paulo Freire e a sua como lugares relevantes de leitura crítica e de formação coletiva. Você poderia falar dessas primeiras leituras na biblioteca de Paulo Freire e a importância do futuro Patrono da Educação Brasileira em sua formação?

Paulo era meu vizinho na rua Rita de Souza, no chamado Bairro Alto, Casa Forte. Ele foi, desde minha adolescência, meu verdadeiro mestre. Lembro que, muitas vezes, saindo do CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Recife), passava em sua casa ainda fardado e suado, ou que, à noite, de pijama, pulava o janelão de frente de minha casa e ia para seu escritório, para conversarmos. Foi por ele que comecei a ler nossos poetas contemporâneos, assim como através dele entrei em contato com Gilberto Freyre, que anos depois se tornaria nosso inimigo. Não preciso pensar para dizer: a Paulo, devo minha abertura intelectual para o mundo. Confirma isso um fato bem posterior: entre 1968 e

1969, estando Paulo exilado e eu, com minha primeira bolsa na Alemanha, fomos, um amigo alemão, que começava sua carreira docente, e eu, visitá-lo, em Genebra. O amigo alemão sabia da influência que Paulo tinha tido em minha vida e fizera questão de conhecê-lo.

Não preciso pensar para dizer:
a Paulo, devo minha abertura
intelectual para o mundo

Nos anos 1960, a vida provinciana do Recife parecia transformada pelo clima político e cultural da época. Havia grandes eventos, como o “I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária”, realizado em agosto de 1960, com participação de intelectuais renomados (Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Jorge Amado, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, entre outros e outras), e havia também os movimentos culturais e sociais, como as Ligas Camponesas, o Gráfico Amador, o Movimento de Cultura Popular (MCP), o Teatro Popular do Nordeste (TPN) e o próprio SEC. Como a Estudos Universitários se inseria nesse contexto, no qual teoria e política se imbricam no exercício das letras? Que lições de tenacidades podemos tirar dessas memórias e histórias num tempo presente marcado pelo medo e pelo ódio?

Os eventos assinalados mostram a saliência que tinha o Recife naquele Brasil trepidante que vinha do período desenvolvimentista e encontraria seu ocaso sob o governo de João

Goulart. A participação da *Estudos Universitários* nessa efervescência foi pequena, mesmo porque sua duração foi curta. Mas a lição de abertura resultante da combinação das frentes de alfabetização, transmissão radiofônica e órgão de difusão cultural terá sido fundamental contra, respectivamente, uma concepção apenas pragmática da alfabetização ou apenas difusora da mídia ou elitista do texto escrito. Essa será a tenacidade que acredito se extrair da triplicidade do SEC, sob a orientação de Paulo.

Você foi o secretário executivo responsável pela organização dos cinco primeiros números da *Estudos Universitários*, que contavam, também, com design gráfico do professor Orlando da Costa Ferreira. São números muito celebrados, pois neles foram publicados os primeiros estudos sobre a pedagogia de Paulo Freire. Quais recordações você guarda da produção da revista, seu desenho e seu conteúdo?

Guardo, sobretudo, a lembrança das madrugadas em que acompanhava pessoalmente o término da impressão de cada número. Nelas, desenvolvi a amizade com os funcionários da gráfica, a quem devo soluções que tornavam possível o não atraso dos números. Capítulo especial guardo para o número 5. Um pouco antes do que contarei, Gilberto Freyre havia publicado sua reclamação contra jornalistas que o apresentavam com retratos “feios”. Creio que foi esse exatamente o adjetivo que usou. Como eu iniciara uma coluna na revista com recorte de acontecimentos recentes, escrevi

uma nota em que recordava o fato e acrescentava que a nota seria justificável se se tratasse de uma estrela ou diva, mas não de um velho sociólogo-antropólogo (Sebastião logo me disse que isso provocaria transtornos. Não aceitei seu conselho). Isso enfureceu os adeptos do senhor de Apipucos, adeptos já então confundidos com os apoiadores do Golpe Militar. Não terá sido difícil pressionar o reitor a convocar a comissão editorial da revista – foi a única vez que ela se reuniu. Entre novembro e dezembro, estando eu de frente para a comissão, sua maioria – lembro-me da exceção representada pelo professor Rui Antunes, com quem havia estudado direito penal – exigiu minha demissão. Saí, pois, da revista antes mesmo do Golpe. Pois bem, foi graças aos gráficos amigos que consegui resgatar a página que haviam mandado arrancar do número. (Essa página única, prova, se quiserem, de minha inabilidade ou do autoritarismo já então latente, foi perdida no meio de minhas inúmeras mudanças).

O SEC possuía uma extensa agenda de trabalho com cursos, eventos, visitas técnicas, viagens em serviço etc. Cito, por exemplo, entre 1963 e 1964, o círculo de cultura de Angicos, no Rio Grande do Norte; a “Semana do Nordeste”, na PUC do Rio de Janeiro; o I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, no Recife; bem como a difusão do “Sistema Paulo Freire de Educação” por todo Brasil. Diante do caleidoscópio político-cultural da época, não pude deixar de pensar no seu conceito de sujeito fraturado. Nesse sentido, como era a dinâmica cotidiana do SEC, considerando os múltiplos papéis desempenhados? Como foi participar da gestação da pedagogia Paulo Freire?

Seria demasiado pedir de minha memória que lhes apresentasse situações concretas. Lembro-me, sim, de aulas que dava para os futuros professores de alfabetização – não se há de esquecer que o método de Paulo eliminava as chamadas cartilhas. Escreviam-se no quadro-negro sílabas e se convidava o público, ainda de analfabetos, para compor palavras. Sim, acentuava-se, deste modo, um aspecto do “sujeito fraturado”. Como não seria oportuno aqui desenvolver a relação, apenas acentuo um esboço de explicação. O aluno se afastava da cegueira mental do analfabetismo por meio de uma instrução que poderia torná-lo membro de uma sociedade capaz de pensar, de se comunicar à distância e, assim, de diminuir a desigualdade social. Mas esse tornar-se membro de outra ambiência não impedia que ainda permanecesse parte de uma sociedade subalterna, desigual, próxima da fome. Seria interessante desenvolver essa perspectiva.

O aluno se afastava da cegueira
mental do analfabetismo por meio
de uma instrumentação que poderia
torná-lo membro de uma sociedade
capaz de pensar, de se comunicar
à distância e, assim, de diminuir a
desigualdade social

Acrescente-se aqui apenas: a acusação a Paulo era que, com seu sistema, procurava comunizar o país! Ou seja, partia-se do suposto que a sociedade em que se vive é formada por sujeitos inteiros e opostos: seriam ou os sujeitos-senhores ou os sujeitos-escravos. A ideia de sujeito fraturado, que só décadas depois conceberia, ajuda a ter-se uma visão realista da alfabetização.

O conceito de fratura mostraria
que Paulo estava consciente de que
seu método não transformaria a
sociedade, mas apenas diminuiria
sua terrível desigualdade

Não se supunha que ela convertesse profissões modestas em próximas da condição senhorial. O conceito de fratura mostraria que Paulo estava consciente de que seu método não transformaria a sociedade, mas apenas diminuiria sua terrível desigualdade.

Toda a agenda de trabalho sem fim do SEC, seja pela sua amplitude, seja pelo seu desfecho trágico, convivia igualmente com a alegria e a fraternidade das boemias literárias, narradas por Marcio Cortez no Golpe na Alma (Pé de Chinelo, 2008). O livro cita festas que aconteciam na sua residência, em Casa Forte, embaladas a frevo, Bossa Nova e Cuba Livre. Cortez também narra o encontro festivo, no Rio de Janeiro, com Jorge Ben e Glauber Rocha. São aspectos que nos deixam sentir um pouco mais dessa dimensão afetiva e festiva de vocês naqueles anos tão difíceis. Qual o papel da boemia literária naqueles anos difíceis de Golpe e Ditadura?

A lembrança de Márcio é muito oportuna. A década de 1950 e os primeiros anos da década seguinte constituíram um período de enorme abertura para o país, por isso mesmo, de alegria. Não é ocasional que, em prosseguimento à sua participação no II Congresso de História e Crítica Literária, em João Pessoa, Haroldo de Campos, que eu convidara a vir ao Recife, junto com Décio Pignatari, tenha manifestado o interesse de passar um período conosco. Talvez eu mesmo não tenha acreditado no que ele me dizia. O fato é que o movimento de vanguarda de que os dois participavam, o Concretismo, era o correspondente, na estrita frente poética, do que o método de Paulo Freire era, na estrita frente social. Falando em termos pessoais, diria que essa abertura para a alegria serviu, nos anos seguintes a 1964, para que mantivesse o entusiasmo interior indispensável para não me abater ante as dificuldades que se apresentavam a alguém aposentado com 27 anos. Daí, já vivendo no sul, haver começado a publicar em

1966, com um livro, *Por que Literatura? (Vozes)*, que tivera por capista o remanescente do grupo desfeito do Recife, Orlando da Costa Ferreira.

Em texto publicado por ocasião da retomada da Estudos Universitários, em 2009, você usou os seguintes versos do poeta espanhol Antonio Machado para refletir sobre aqueles anos de mocidade: “cuando montar quisimos en pelo una quimera” (“Una España joven”). O enfrentamento apaixonado dos temas emergentes da época os envolveu em inúmeros debates intelectuais registrados em jornais, como o *Última Hora*, o *Jornal do Commercio* e o *Diário de Pernambuco*. Esses debates públicos parecem ser uma linha definidora da cultura da época, que desapareceu nas décadas subsequentes, deixando saudosos os leitores dos cadernos culturais dominicais. Você poderia falar sobre essas contendidas letradas e sobre o episódio que condicionou sua saída da secretaria executiva da revista?

Já falei do episódio que provocou minha saída da revista. As polêmicas então travadas podem ser entendidas de dois modos. No tradicional, elas derivavam de uma constante em nossa cultura. Alencar já esmurrava verbalmente o jovem Nabuco que, com razão, o acusara de fazer corpo mole diante da escravidão, e Sílvia Romero não era menos grosseiro ante o romance machadiano. Nessa acepção tradicional, a polêmica resulta de nossa pequena prática do diálogo de ideias. Seria muito otimismo supor que as polêmicas então travadas

derivassem de outra ambiência. Mas não parece menos indubitável que, no caso, se antecipava um segundo contexto: aquele em que são as ideias, e não os parceiros, os que terçam armas. Por que indubitável? Porque a convivência com Paulo e a tragédia que cercaria a destruição do que ele começara a construir fizeram com que se estabelecesse a crença na possibilidade de um país com outro perfil, com menos privilégios, desigualdades e ideias não trabalhadas. É verdade que, para seus sobreviventes, a situação atual parece o retorno, na velhice deles, do que pareciam haver superado. De um ponto de vista bem objetivo, o desaparecimento dos suplementos dos jornais mostram que estamos em um processo de ladeira abaixo.

A convivência com Paulo e a
tragédia que cercaria a destruição
do que ele começara a construir
fizeram com que se estabelecesse a
crença na possibilidade de um país
com outro perfil

Mesmo com o empastelamento da Estudos Universitários, em dezembro de 1963, o SEC possuía todo um plano de trabalho para executar ao longo do ano seguinte. No entanto, o ciclo repressivo iniciado pelo Golpe Militar e Civil de 1964 elegeu o SEC e seus membros como um dos alvos do expurgo político no Recife. Os membros do SEC foram presos, processados e sumariamente excluídos da universidade. O professor João Alexandre Barbosa definiria o Recife no contexto pós-Golpe de 1964 como “uma província subitamente estrangulada”. Como foi a repressão sofrida durante o Golpe e a Ditadura? E como você vê os perigos do golpismo e do autoritarismo que nos assombram o passado e a contemporaneidade?

Recordo os nomes daqueles que me eram mais próximos naquele Recife: João Alexandre Barbosa, Jorge Wanderley, Sebastião Uchoa Leite, José Laurênio de Melo, Orlando da Costa Ferreira, Gastão de Holanda, Márcio Cortez. Para todos, a vida no Recife tornou-se impossível. Tudo isso seria visto como um longo momento turvo, mas que, afinal, teria passado. Mas saber que nossa atual governança, desde o presidente até os prefeitos, foi eleita, causa um frio na espinha. Dou meu exemplo pessoal: a partir de 1984, quando prestei concurso para professor na University of Minnesota, havendo preferido retornar ao Rio, em 1986; depois vencendo concurso semelhante em Montréal, com o mesmo desfecho; depois, ainda, na Freie Universität Berlin, 1992. Tive três oportunidades de radicar-me no estrangeiro, mas sempre optei por voltar a meu país. Hoje, diante da ameaça de um novo golpe, me pergunto se tomei a decisão devida. Sou, por isso,

ainda grato a meu querido Paulo Freire, que, pela comemoração de seu centenário, me deu a oportunidade de recordar os episódios aqui reunidos.

Tive três oportunidades de
radicar-me no estrangeiro, mas
sempre optei por voltar a meu país

O que vem depois do Golpe, a despeito de todo sofrimento, é uma importante lição de superação para todos nós, pois você, o professor Paulo Freire e companheiros do SEC reinventaram suas vidas, alguns partindo para o exílio e outros permanecendo na cidade sitiada. Seria possível fazer algum paralelo entre esse gesto de reinvenção da vida golpeada e sua pesquisa, dedicada a atualizar o conceito de mimesis enquanto diferença, renovação e “força da metamorfose”?

Confesso nunca haver feito essa relação. Nas poucas vezes que me indaguei de que cartola teria tirado a obsessão com a questão da mimesis, terminei por desistir da pergunta. Sei apenas que me meti numa teia de aranha, em que tenho prazer em, a cada vez, descobrir uma nova enfiada, mas que sei que exigirá que outros continuem a desenvolvê-la. Vejo, de fato, que há uma correlação entre minha experiência de vida e o direcionamento que tenho dado à minha experiência intelectual.

Assim como Paulo Freire, você é um dos grandes defensores da importância da teoria e do debate teórico na constituição das disciplinas das humanidades. De que modo o exercício teórico pode nos ajudar a enfrentar o momento atual de anticientificismo, revisionismo, negacionismo e fake news?

A pergunta é extremamente instigante. Para a preparação da resposta, começo por observar duas passagens de uma recente entrevista de Fareed Zakaria, analista da CNN. Diz ele que a ciência foi capturada pelo antagonismo das classes sociais e que assim tem sucedido porque o ressentimento contra os cientistas decorre de eles pertencerem à classe socialmente privilegiada. Entre nós, a essas observações acrescenta-se um dado político: astutamente, nosso governo adota uma posição aparentemente benéfica aos menos favorecidos, chamada de populista. É evidente a conjunção com a qual nota o analista indiano – embora o noticiário não a observe: o preconceito contra a ciência floresce com o “populismo”.

O preconceito contra a ciência floresce com o “populismo”

Seria como se se dissesse: também nós do governo, porque somos a favor do “povo”, somos contra a ciência, portanto contra a vacina. A conjunção se torna mais grave porque nossa história sociocultural se particulariza por sua alergia à indagação teórica das questões que se lhe apresentem. Assim,

a indagação crescente das fake news não se dá por acaso. Ela, sim, se combina com o pensar rasteiro, pragmático, medíocre, hostil à teorização, que, no caso presente, explica a conjunção de preconceito contra a ciência e política “populista”. Portanto, a resposta direta à pergunta é: sim, há uma relação imediata entre a defesa de uma reflexão teórica, aberta para o pensar filosófico das questões, potencialmente favorável ao pensar científico e o combate contra a insistência nas fake news.

Recife e Rio de Janeiro, abril de 2021.